

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E HIPÓTESES DE ESCRITA: UM ESTUDO PILOTO

Jaciara de Lira Almeida Dantas
Universidade Federal da Paraíba
jaciaraadantas@hotmail.com

Arineyde Maria D'Almeida Alves de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba
arineyde_oliveira@hotmail.com

Resumo: A consciência fonológica tem despertado o interesse de inúmeros estudos que buscam, sobretudo investigar a interferência dessa habilidade no desempenho ulterior em leitura e escrita. O desenvolvimento das capacidades fonológicas ao longo do processo evolutivo da criança em contato com o código escrito pode ser observado a partir das representações infantis sobre a escrita. Diante dessas considerações, este estudo teve por objetivo descrever o desempenho em consciência fonológica com relação às hipóteses de escrita em crianças de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa – Paraíba. Para avaliação da consciência fonológica foi utilizado o teste Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial - Confias. Na avaliação da hipótese de escrita, solicitou-se a escrita de palavras e frases, caracterizando-as com base na classificação proposta por Ferreiro e Teberosky - pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Os resultados revelaram desempenho médio abaixo do esperado em relação à hipótese de escrita dos estudantes avaliados e que a habilidade silábica desenvolve-se mais rápido do que a habilidade fonêmica. Houve diferença estatisticamente significativa nas habilidades de consciência fonológica entre as crianças de primeiro, segundo e terceiro ano, sugerindo que a exposição gradual e formal a escrita evoca conhecimentos da escrita alfabética e favorece o desempenho em habilidades fonológicas. Assim, tendo em vista que a consciência fonológica é apontada na literatura como habilidade favorável a aprendizagem da leitura e da escrita, observa-se a necessidade do currículo escolar contemplar a exposição formal a esta competência. O desenvolvimento desta habilidade preditora de competência leitora só será viável mediante o desenvolvimento contínuo, assistido e sistemático de atividades de promoção da consciência fonológica.

Palavras-chave: Consciência Fonológica. Hipóteses de Escrita. Leitura.

Introdução

Perceber e manipular as diferentes formas de linguagem é uma das grandes experiências vivenciadas pela criança, essa desenvoltura pode ser observada desde os primeiros anos de vida, quando ela passa a utilizar gestos e comportamentos para comunicar-se com seus pares nos diferentes contextos sociais em que elas vão sendo inseridas. De acordo com Maluf, Zanella e Pagnez (2006) bastante precocemente a criança começa a exibir condutas que revelam alguma habilidade de refletir sobre os sons da língua que utiliza.

Partindo do pressuposto que a linguagem é uma condição primária para a comunicação, sendo utilizada pelas crianças como forma de expressão de suas ideias, pensamentos, desejos, emoções e necessidades, importa considerar que a tomada de consciência sobre sua linguagem ocorre antes mesmo dela começar a falar (BORGES; SALOMÃO; PARAIBA, 2003).

Numa perspectiva mais estrutural os estudos de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) afirmam que a linguagem em si acontece em fases mutuamente ligadas, são elas: a fase da *sensação*

(perceber o som); *percepção* (reconhecer o som); *elaboração* (meditação dos sons percebidos) e *programação e articulação* (permite a emissão sonora por meio da pronúncia da fala). Papalia, Olds e Feldman, (2009) afirmam que no período da pré-escola, as habilidades linguísticas apresentam maiores progressos, pois nessa fase as crianças são mais capazes de compreender, interpretar e produzir comunicações verbais e escritas, isso porque a escola é caracterizada como um dos espaços importantes para introduzir mais densamente a criança no processo de aprendizagem de leitura e escrita.

De acordo Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), para desenvolver a leitura e a escrita a criança necessita de habilidades cognitivas complexas, e da capacidade de reflexão sobre a linguagem em relação aos aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Nessa direção, Capovilla, Capovilla e Suiter (2004) destacam que quanto mais cedo ocorrer a estimulação e ensino das habilidades linguísticas em especial a consciência fonológica, menos dificuldades a criança apresentará no seu processo aprendizagem dessas competências. A linguagem da criança ou a forma como ela se expressa na oralidade e na escrita vem sendo interesse dos estudos principalmente no campo da Educação considerando que uma boa abordagem ou método de ensino pode favorecer o processo de aquisição da linguagem. Por essa razão, é consensual entre os estudos, o interesse em conhecer e descrever os diferentes métodos e abordagens que vem sendo utilizados na prática de ensino e avaliação da leitura e escrita.

Especialmente nas séries iniciais do ensino fundamental, por exemplo, é comum encontrar no ensino de leitura e escrita práticas que utilizam os seguintes métodos: o *fônico* que é considerado como método que valoriza a observação da consciência fonológica a partir da correspondência que as crianças fazem entre as letras e seus sons nas representações orais, o método *silábico* que utiliza como estratégia, a junção de uma consoante e vogal para formar uma sílaba, depois unir as sílabas para compor as palavras, seguindo uma sequência de apresentação do código alfabético, primeiro pelas vogais e depois as consoantes e conseqüentemente as famílias silábicas, sendo a ênfase maior a unidade silábica, o *analítico* que descarta o princípio da decifração e valoriza a reflexão da criança partindo do todo para as pequenas partes, ou seja, as unidades silábicas são trabalhadas a partir de uma palavra geradora e o método *global* que prioriza inicialmente a percepção da criança acerca da sua própria língua, bem como os níveis de conhecimento acerca dos fenômenos por elas estudados, a estratégia de análise desse método centra-se na sequencia: palavra, frase e texto (CAPOVILLA, 2004; FRADE, 2005; MEDEIROS E OLIVEIRA, 2008).

A abordagem da Psicogênese da Linguagem Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, também trouxeram fortes contribuições nas pesquisas no campo da Educação, essas autoras direcionaram seu foco para observação de como e em que momento ocorre o domínio da escrita, elas encontraram e defendem em suas pesquisas, a existência de uma estreita relação entre a escrita e leitura concluindo que o ensino dos fonemas deva acontecer de preferência associado essencialmente ao ensino do código escrito (MELLO, 2007). Sobre isso Gindri, Soares e Mota, (2007), afirmam que a capacidade da criança para perceber e relacionar as diferentes funções da sua linguagem tanto na oralidade quanto na escrita está associada diretamente as habilidades da consciência fonológica que ela vai demonstrando.

Partindo desses pressupostos, estudos tem demonstrado forte interesse em conhecer a influência da competência fonológica no desempenho ulterior em leitura e escrita. Tanto que a existência de uma influência mútua entre desenvolvimento da consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita tem norteado os discursos relativos á aquisição da linguagem oral e escrita. Percebe-se que para alguns autores, os níveis de consciência fonológica parecem preceder a aquisição do código escrito. Mesquita, Correa e Mouzinho, (2012), por exemplo, afirmam que o desenvolvimento da narrativa escrita requer habilidades e competências da narrativa oral bem como de habilidades fonológicas.

A consciência fonológica tem sido hegemonicamente reconhecida como uma causa e uma consequência da aprendizagem da leitura, ou seja, parece existir uma causalidade recíproca. Estudos mais recentes também tem notado que para além dos aspectos relativos às condições sociais e familiares, a criança necessita de um nível mínimo de consciência fonológica para aceder ao código escrito com sucesso (ROSAL; CORDEIRO; SILVA; SILVA; QUEIROGA, 2016). Barbosa, Medeiros, Vale (2016) reconhecem a consciência fonológica como uma das habilidades metalinguísticas mais importantes para o processo inicial de aquisição de leitura e escrita. Cavalheiro, Santos e Martinez (2009) argumentam que a consciência fonológica desempenha um papel facilitador e indispensável no processo de aprendizagem de leitura e escrita.

Para Pestun, (2005) a consciência fonológica, isto é, a consciência de que a fala pode ser segmentada e que os segmentos (palavras, sílabas, fonemas) podem ser manipulados, é desenvolvida gradualmente conforme a criança vai experimentando situações lúdicas (cantigas de roda, jogos de rima, identificação de sons iniciais de palavras) e vão sendo instruídas formalmente em atividades grafofonêmicas. Este autor acrescenta que as crianças que apresentam essa consciência adquirem e desenvolvem as habilidades de leitura e escrita de forma mais eficiente.

Granzotti, Furlan, Domenis, Faunda, (2013) explicam que a consciência da estrutura sonora vai permitir à criança desmontar em fonemas as palavras familiares e usar as competências de memória fonológica a fim de facilitar a aprendizagem das associações grafema-fonema.

Considerando o que foi exposto até aqui, notadamente percebe-se que a consciência fonológica é uma habilidade metalinguística que precisa ser estimulada e, sobretudo ensinada na escola e nos diversos contextos de intervenção. Deste modo, é imprescindível reconhecer que a capacidade das crianças no início da aprendizagem da leitura e segmentação de palavras e frases, está fortemente correlacionada ao desempenho em leitura que ela vai construindo, visto que para aprender a ler e escrever, a criança precisa entender que a linguagem é constituída por frases e que estas se decompõem em palavras que, por sua vez, se decompõem em unidades ainda menores.

Silva e Almeida, (2015) baseada em Ferreiro e Teberosky (1995) afirmam que as concepções infantis sobre a leitura e escrita passam por diversas fases ou níveis evolutivos, desde uma relativa indiferenciação entre texto e imagem (desenho), até o estabelecimento de uma correspondência grafêmica termo a termo entre as unidades do discurso oral e os segmentos do texto escrito. Essas hipóteses de escrita são assim classificadas: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

A utilização dessas hipóteses bem como de outras estratégias ou métodos de avaliação das representações infantis sobre a escrita, podem fornecer resultados mais precisos acerca do desenvolvimento das capacidades fonológicas especialmente no processo evolutivo da criança em contato com a aprendizagem e ainda subsidiar estratégias de ensino principalmente no contexto de escola, visto que em geral é nesse espaço que a criança começa a receber instruções mais diretas sobre leitura e escrita. Diante dessas considerações, este estudo teve por objetivo descrever o desempenho em consciência fonológica e hipóteses de escrita de crianças de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa – Paraíba.

Método

Participantes

Compuseram a amostra do presente estudo 11 crianças, sendo 5 (45,5%) meninos e 6 (54,55%) meninas. A idade média das crianças pesquisadas foi de 6,73 anos e desvio padrão de 0,786 (*dp*), com idade mínima de 6 anos e máxima de 8 anos.

Participou da pesquisa uma Instituição Educacional da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa – PB. Com relação as séries, 5 alunos (45,5%) pertenciam ao 1º ano do ensino fundamental, 4 alunos (36,4%) ao 2ºano e 2 alunos (18,2%) ao 3ºano.

Instrumento

Na avaliação da consciência fonológica, foi utilizado o teste consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial (CONFIAS), elaborado por Moojen et al. (2003). O instrumento é composto por tarefas de síntese, segmentação, identificação, produção, exclusão e transposição silábica e fonêmica. A aplicação seguiu a proposta sequencial de iniciar pelas tarefas que envolvem consciência da sílaba e, posteriormente, as que se referem ao nível do fonema, respeitando sua ordem. A pontuação do teste é realizada no protocolo de respostas onde as respostas corretas valem um ponto e as incorretas valem zero. Na sílaba, o máximo de pontuação são 40 pontos e nos fonemas, o máximo são 30, totalizando 70 pontos.

Na avaliação da hipótese de escrita, solicitou-se a escrita de palavras e frase, utilizando-se o proposto pelo teste CONFIAS - o aluno escreve "castelo", "esqueleto" e "O fantasma abriu a porta" (MOOJEN et al, 2003). Considerando-se a produção como um todo, isto é, com as palavras e a frase componentes, caracterizou-se a escrita com base nas hipóteses de escrita propostas por Ferreiro e Teberosky - pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

Procedimento

Após os devidos cuidados de solicitação de consentimento para a pesquisa por parte da instituição escolar, os alunos selecionados (indicados pelas respectivas professoras) foram convidados a participar deste estudo. Caso a criança concordasse, era submetida a aplicação individual na biblioteca da própria escola durante o horário normal de aula. Todos os testes foram aplicados no mesmo momento e duraram, em média, 30 minutos. Os resultados foram tabulados e analisados, por meio de procedimento estatístico com uso do pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*) versão 18.0.

Resultados e discussões

Pela análise dos resultados de desempenho nas habilidades de Consciência fonológica dos grupos pesquisados, foi possível observar que todos os grupos obtiveram desempenho abaixo do esperado nas habilidades de consciência fonológica para as hipóteses de escrita, de acordo com os escores obtidos na validação do teste CONFIAS. Na Tabela 1 e 2 são apresentadas a média dos escores e as pontuações mínimas e máximas obtidos na avaliação da consciência fonológica, em relação à hipótese de escrita dos alunos.

Considerando-se a amostra total, o desempenho das crianças da hipótese alfabética na avaliação da consciência fonológica alcançou a maior média de acertos entre as hipóteses avaliadas, nos dois níveis (nível da sílaba e do fonema), ou seja, 33,0 para o nível da sílaba e 13,0 para o nível

do fonema. Em sequência se encontram as crianças na hipótese silábico-alfabética, pois apresentam maior média de acertos no nível da sílaba (23,0) e no nível do fonema (7,0), se comparadas aos grupos na hipótese silábica e pré-silábica. Os resultados encontrados concordam com os realizados por Gindri, Soares e Mota (2007).

Considerando-se a comparação entre o nível da sílaba e o nível do fonema, a porcentagem média de acertos no nível da sílaba foi superior ao do nível do fonema em todas as amostras segundo a hipótese de escrita dos alunos avaliados; entretanto a diferença mais significativa é observada nas crianças que se encontram na hipótese alfabética de escrita. As crianças desta hipótese apresentaram uma média de acertos significativamente mais alta no nível da sílaba do que no nível do fonema.

O resultado encontrado sugere que a consciência fonêmica somente estará consolidada após o aprendizado da leitura e escrita, e que a habilidade silábica desenvolve-se mais rápido do que a habilidade fonêmica. Ou ainda, que a adoção do método silábico de ensino da leitura e escrita na instituição de ensino pesquisada tenha favorecido o desempenho na avaliação ao nível da sílaba, em detrimento da consciência fonêmica. Investigações em escolas adeptas do método fônico devem obter conclusões mais elucidativas.

Nesta direção, os estudos de Valente e Martins (2004) sugerem que o método de ensino contribui de forma estatisticamente significativa para o desenvolvimento de uma ou outra competência metalinguística. De tal modo Rigatti-Scherer (2008) reforça que as diferentes dimensões relativas à aprendizagem da leitura e escrita, demanda um tipo diferenciado de práticas de ensino que valorizem a real finalidade da alfabetização, de forma que a criança possa utilizar suas habilidades de leitura e escrita num contexto social mais amplo, externo a sua casa ou escola.

Consciência fonológica	Hipótese da Escrita					
	Pré-silábico			Silábico		
	Média	Mínimo	Máximo	Média	Mínimo	Máximo
Nível de sílaba	11,0	4	16	15,0	15	15
Nível de fonema	6,50	2	8	4,50	4	5
TOTAL	18,5	6	22	19,50	19	20

TABELA 1 – Desempenho no componente fonológico dos alunos, em relação a hipótese de escrita (Pré-silábico e Silábico).

Hipótese da Escrita

	Silábico- alfabético			Alfabético		
	Média	Mínimo	Máximo	Média	Mínimo	Máximo
Nível de Sílabas	23,0	19	27	33,0	24	40
Nível de Fonema	7,0	2	12	13,0	13	23
TOTAL	30,0	21	39	46,0	37	63

TABELA 2 – Desempenho no componente fonológico dos alunos, em relação a hipótese de escrita (Silábico-alfabético e alfabético).

Verificou-se que os alunos do primeiro ano estão localmente associados aos níveis de escrita pré-silábica e os de segundo ano ao nível alfabético de escrita, havendo diferenças significativas entre os grupos quanto à hipótese de escrita (ver Tabela 3). Esse resultado corrobora com os achados de Rosal e cols. (2016), que investigaram a contribuição da consciência fonológica e nomeação seriada rápida na aprendizagem inicial da escrita de 100 crianças entre três e seis anos, onde os resultados apontaram que 97% delas apresentaram a hipótese de escrita pré-silábica.

Hipóteses de Escrita	Escolaridade						TOTAL	
	1º ano		2º ano		3º ano		n	%
	n	%	n	%	n	%		
Nível Pré-silábico	4	80,0	0	0,0	0	0,0	4	36,4
Nível Silábico	0	0,0	2	50,0	0	0,0	2	18,2
Nível Silábico-alfabético	0	0,0	1	25,0	1	50,0	2	18,2
Nível Alfabético	1	20,0	1	25,0	1	50,0	3	27,3
TOTAL	5	100,0	4	100,00	2	100,0	11	100,0

TABELA 3. Desempenho quanto à hipótese de escrita de alunos de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Houve diferença estatisticamente significativa nas habilidades de consciência fonológica entre as crianças de primeiro, segundo e terceiro ano, corroborando com os estudos de Gindri, Soares e Mota (2007) que afirmam que a exposição gradual e formal a escrita evoca conhecimentos da escrita alfabética e favorece o desempenho em habilidades fonológicas (ver Gráfico 1).

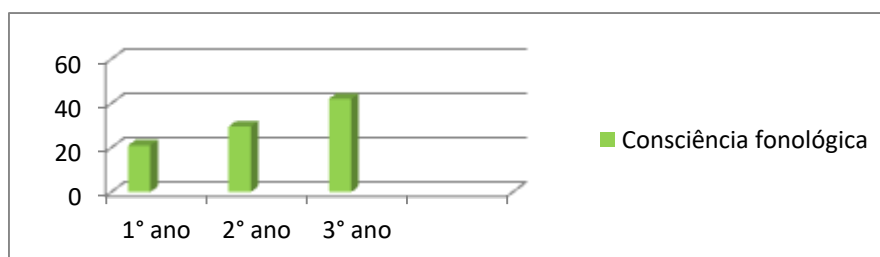


GRÁFICO 1 – Análise da consciência fonológica em função do ano de escolaridade.



Yavas (1989, apud GINDRI; SOARES; MOTA, 2007) destaca que a consciência fonológica mostra avanço com a idade, embora alguns níveis requeiram contato com a instrução alfabética. O estudo realizado corrobora com essa afirmação: crianças com 6 anos obtiveram uma média de acertos inferior (21,0) em relação ao grupo com 7 anos (29,5) e aos que contavam com 8 anos de idade (42,0). O gráfico 2 demonstra a proporção encontrada.

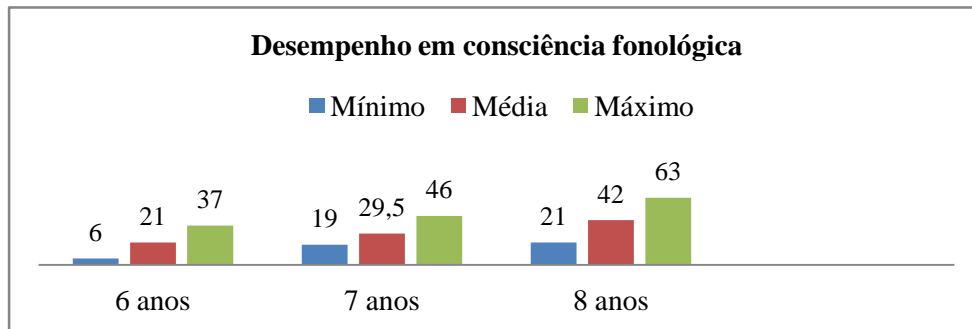


GRÁFICO 2 - Análise pela idade no componente da consciência fonológica.

Em relação às habilidades de consciência fonológica determinadas pelo subteste de aliteração foi observado que o grupo de 2º ano apresentou resultados estatisticamente superiores aos do grupo do 3º ano: as crianças do 2º ano acertaram, em média, 35% dos itens, e os 3º ano, 25%. Na tarefa de rima o 2º ano e o 3º ano apresentaram resultados similares. Destaca-se que, ao comparar a atividade de rima com a tarefa de aliteração, as crianças apresentaram melhores resultados em rima, concordando com o posicionamento unânime na literatura de que a habilidade em rima precede a aquisição da leitura e é independente desta (ver Tabela 4).

Tarefa	Média de acertos		
	1º ano Média	2º ano Média	3º ano Média
Aliteração	1,0 (10%)	3,5 (35%)	2,5 (25%)
Rima	2,0 (20%)	3,0 (30%)	3,0 (30%)

TABELA 4- Escores médios no subteste de consciência fonológica, avaliada de duas formas: escore na tarefa de rima e escore na tarefa de aliteração por série.

Os desempenhos mais baixos foram observados nos subtestes segmentação e transposição fonêmica. Os resultados obtidos na análise estatística segundo o sexo estão de acordo com os estudos de Maluf e Barrera (1997), que não observaram diferenças significativas entre as meninas e

os meninos no que se refere aos níveis de consciência fonológica. O Gráfico 3 mostra os resultados obtidos.

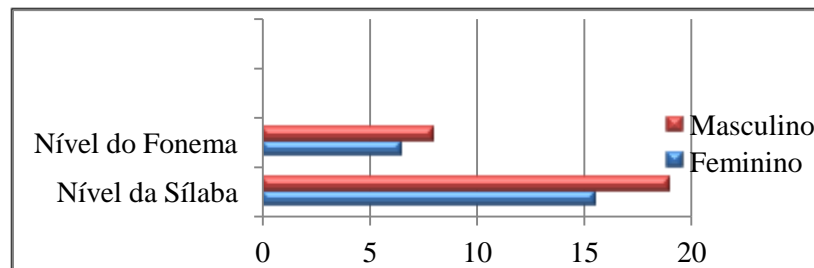


GRÁFICO 3- Resultado obtido na comparação entre os sexos

Numa análise qualitativa dos achados, as crianças investigadas apresentaram algumas estratégias metafonológicas durante a execução do teste, a citar: direção do olhar e o uso do apoio articulatório. Em suma, a maioria delas demonstraram interesse em todo o decorrer da aplicação, embora a fadiga tenha sido igualmente percebida, sobretudo no final da aplicação. As imagens do “cabide” e do “camelo” não foram identificadas em uma parcela significativa das crianças. Assim como a do “café” que foi confundida certas vezes com a da “xícara”.

Essa análise nos remete as diferentes concepções e conjunto de aspectos relativos ao desempenho de consciência fonológica e hipóteses de escrita das crianças, especialmente nas séries iniciais da vida escolar como é o caso do público desse estudo. Dentre as hipóteses dessa análise, sugere-se o fato de que em geral as crianças do referido estudo, ainda não tiveram acesso à orientação semântica acerca das figuras do “cabide” e do “camelo”, assim como facilmente não lida com situações em seu cotidiano em que a figura do café esteja dissociada da figura da xícara.

De acordo com, Dambrowski, Martins, Theodoro e Gomes 2008, os critérios de avaliação das habilidades linguísticas devem considerar a construção do conhecimento existente na criança como fator preponderante. Nessa direção, Maciel, Baptista e Monteiro, (2009) afirmam que tomada de consciência da criança sobre as diferentes estruturas da linguagem a sua volta, acontece principalmente por meio das experiências e atividades práticas que elas vão vivenciando (MACIEL; BAPTISTA; MONTEIRO, 2009).

Conclusões

O objetivo desse estudo foi descrever o desempenho em consciência fonológica e hipóteses de escrita de crianças de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa – Paraíba. Os resultados revelaram desempenho médio abaixo do esperado em relação à hipótese de escrita dos estudantes avaliados neste estudo.

Uma vez que a consciência fonológica é apontada como habilidade favorável a aprendizagem da leitura e escrita, o currículo escolar precisa contemplar atividades que estimulem o desenvolvimento desta competência. Além disso, é importante considerar que a consciência fonológica também vem sendo percebida como uma habilidade que precede a escrita, logo o desenvolvimento desta habilidade preditora de competência leitora só será viável mediante o desenvolvimento contínuo, assistido e sistemático de atividades de promoção da consciência fonológica. Nessa direção também é fundamental refletir sobre a adoção de práticas que valorizem o repertório linguístico que as crianças trazem e seus contextos para a escola, e dessa forma significando ou resignificando as estruturas e linguagem já existentes na criança

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R.; MEDEIROS, L. B. de O.; VALE, A.P. S. do. **Relação entre os níveis de escrita, consciência fonológica e conhecimento de letras**. Estudos de Psicologia Campinas, 33(4), pag. 667-676, 2016.

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. **Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(2), pp. 327-336, 2003.

CAPOVILLA, A. G.S.; GÜTSCHOW, C. R. D.; CAPOVILLA, F. C. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 6, n.2, p.13-26, 2004.

CAVALHEIRO, L. G.; SANTOS, M. S.; MARTINEZ, P. C. A influência da consciência fonológica na aquisição de leitura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, 2009.

DAMBROWSKI, A. B.; MARTINS, C.; THEODORO, J. DE L.; GOMES, E. **Influência da Consciência Fonológica na Escrita de Pré-Escolares**. Rev CEFAC, São Paulo, v.10, n.2, pag. 175-181, 2008.

FRADE, A. DA S. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Caderno do professor - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

GINDRI, G.; KESKE-SOARES, M.; MOTA, H. B. Memória de trabalho, consciência fonológica e hipótese de escrita. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 19, n. 3, p. 313-322, 2007.

GRANZOTTI, R.B. G.; FURLAN, S.A.; DOMENIS, D. R.; FUKUDA, M. T. H. **Memória de trabalho fonológica e consciência fonológica em crianças com dificuldade de aprendizagem**. Distúrb Comun, São Paulo, 25(2), pag. 241-252, 2013.

MALUF, M. R.; BARRERA, S. D. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 1997.

MALUF, M. R.; ZANELLA, M. S.; PAGNEZ, K. S. M. M. **Habilidades Metalinguísticas e Linguagem Escrita nas pesquisas brasileiras.** Boletim de Psicologia, vol. LVI, Nº 124: 67-92, 2006.

MEDEIROS, T. G. DE, OLIVEIRA, E. R. C. **A influência da consciência fonológica em crianças alfabetizadas pelos métodos fônico e silábico.** Rev. CEFAC, São Paulo, v.10, n.1, p. 45-50, 2008.

MELLO, M. C. de O. **O pensamento de Emilia Ferreiro sobre alfabetização.** Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. Vol. I, núm. 2, p. 85-92, 2007.

MESQUITA, F.; CORREA, J.; MOUSINHO, R. **Influência de habilidades de processamento fonológico na aprendizagem de narrativa escrita por crianças no 2º e no 3º ano do Ensino Fundamental.** Veredas online especial, p. 152-170, ppg linguística/UFJF, Juiz de Fora - ISSN: 1982-2243, 2012.

_____. Ministério da Educação. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade.** Francisca Izabel Pereira Maciel, Mônica Correia Baptista e Sara Mourão Monteiro (orgs.). Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009. 122 p.

MOOJEN, S.; LAMPRECHT, R. R.; SANTOS, R. M.; FREITAS, G. M.; BRODACZ, R.; SIQUEIRA, M.; CORREA, A.; GUARDA, E. **CONFIAS – Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Seqüencial.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

OLDS, Sally Wendkos; PAPALIA, Diane E. ; FELDMAN, Ruth Duskin. In: Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Terceira Infância; Desenvolvimento Psicossocial na Terceira Infância. **Desenvolvimento Humano.** Ed. Atualizada. Porto Alegre: Art Med, 2009. Pág. 318.

PESTUN, M. S. V. **Consciência fonológica no início da escolarização e o desempenho ulterior em leitura e escrita: estudo correlacional.** Estudos de Psicologia, v. 10, n. 3, p. 407-412, 2005.

ROSAL, A. G. C.; CORDEIRO, A. A. de A.; SILVA, A. C. F.; SILVA, R. L.; QUEIROGA, B. A. M. de. **Contribuições da consciência fonológica e nomeação seriada rápida para a aprendizagem inicial da escrita.** Rev. CEFAC. 18(1), pag. 74-85, 2016.

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. dos S. **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 131-148, 2006.

RIGATTI-SCHERER, A. P. **Consciência fonológica e compreensão do princípio alfabético: subsídios para o ensino da língua escrita.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 81-88, 2008.

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA D. R.; NUNES, M. DA L. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem.** Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº2(supl), P. 95-103, 2004.

SILVA, C; ALMEIDA, T. **Programas de Intervenção de Escritas Inventadas: Comparação de uma Abordagem Transmissiva e Construtivista.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 28(3), pag. 613-622, 2015.

VALENTE, F. MARTINS, M. A. Competências metalinguísticas e aprendizagem da leitura em duas turmas do 1º ano de escolaridade com métodos de ensino diferentes. **Análise Psicológica**, v.1, n. 22, p.193-212, 2004.